



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

MOVIDAS PELO DESEJO: O DESFECHO TRÁGICO EM MADAME BOVARY E O FINAL FELIZ EM O TEMPORAL, DE KATE CHOPIN



MOVED BY DESIRE: THE TRAGIC OUTCOME IN MADAME BOVARY AND THE HAPPY ENDING IN THE STORM, BY KATE CHOPIN

Rosemary Elza FINATTI
Universidade Estadual Paulista, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 07/07/2019 • APROVADO EM 02/01/2020

Resumo

O presente artigo tece comparações entre as obras *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert e *O temporal* (1898), de Kate Chopin, em relação à busca da autorrealização feminina por meio do adultério e os caminhos a que essa busca conduz cada uma das heroínas no desfecho das narrativas: punição e prazer, respectivamente. Para tanto, a análise será norteadas pelos pressupostos teóricos apontados por Maria Rita Kehl a respeito da obra-prima flaubertiana, pela abordagem de Sandra Gilbert e Susan Gubar sobre a divergência entre a tradição literária masculina e a autoria feminina, além das considerações de Aparecido Donizete Rossi acerca do conto chopiniano objeto deste estudo. Considerando a autoria das duas obras analisadas, a protagonista de Flaubert busca o amor fantasioso dos romances que lia e, dessa forma, ultrapassa todos os limites socialmente proibidos e repreensíveis acerca dos

valores morais atribuídos às mulheres. Ao buscar a vida de prazeres que não encontrou no casamento, Emma sofre consequências trágicas. Em contrapartida, Kate Chopin assegura um final feliz à Calixta e não a recrimina por realizar seus desejos em uma relação extraconjugal, rompendo as barreiras patriarcais bem como a condição feminina na ficção.

Abstract

The present article draws comparisons between *Madame Bovary* (1857) by Gustave Flaubert and *The Storm* (1898) by Kate Chopin regarding the search for female self-realization through adultery and the ways in which this search leads each of the heroines to the narrative outcome: punishment and pleasure, respectively. Therefore, the analysis will be guided by the theoretical assumptions pointed out by Maria Rita Kehl about the Flaubertian masterpiece, by using the approach of Sandra Gilbert and Susan Gubar on the divergence between the masculine literary tradition and the female authorship, as well as the considerations of Aparecido Donizete Rossi on the chopinian short story regarded as the object of this study. Considering the authorship of the two works analyzed, Flaubert's protagonist seeks the fantasy love of the novels she used to read and thus overcomes all the socially forbidden and reprehensible limits on the moral values attributed to women. Seeking the life of pleasures she did not find in marriage, Emma suffers tragic consequences. In contrast, Kate Chopin assures a happy ending to Calixta and does not reproach her for fulfilling her wishes in an extramarital relationship, breaking the patriarchal barriers as well as the feminine condition in fiction.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Madame Bovary. Kate Chopin. O temporal. Autoria feminina.

KEYWORDS: Madame Bovary. Kate Chopin. The Storm. Female Authorship.

Texto integral

Considerações iniciais

O presente artigo propõe uma análise comparativa entre as obras *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, e *O temporal* (1898), de Kate Chopin no que tange à busca pela autorrealização das heroínas e as consequências que essa busca desencadeia no desfecho das obras. Considerando a autoria de cada uma das narrativas, o conto de Kate Chopin apresenta uma protagonista livre e indiferente às regras de conduta da cultura patriarcal e, ao contrário da heroína de Flaubert, a infidelidade feminina não denota punição, mas sim plenitude.

1 Figurações realistas em Chopin e Flaubert

Kate Chopin (1850 – 1904) é considerada uma das precursoras da ficção realista americana. Além de figurar como representante da literatura de cor local, suas obras retratam temas tabus para a sociedade do século XIX. Nesse sentido,

ela foi a primeira mulher escritora em seu país a aceitar a paixão como um assunto legítimo para uma ficção séria e sincera [...] e a pioneira no tratamento amoral da sexualidade, do divórcio e do desejo da mulher por uma autenticidade existencial (Kolosky, 2009, p. 5) (Tradução nossa)¹.

O aspecto inovador de suas obras engendra a identidade feminina ousada e revolucionária de suas personagens, uma vez que Chopin retrata o vínculo destrutivo de poder e impotência em relação à distância entre as visões românticas do casamento e da maternidade e a realidade sobre a vida sexual das mulheres (cf. ELFENBEIN, 1989, p. 117) (Tradução nossa)². Assim, a descaracterização de heroínas romanescas demonstra o viés transgressor de suas narrativas, uma vez que o universo literário da autora é formado por personagens que questionam a condição feminina e desafiam a ideologia patriarcal.

Por meio de um realismo crítico, a ficção chopinina constitui-se pela coragem em abordar com naturalidade os impulsos da natureza humana e desvelar a vida por trás das máscaras sociais.

Gustave Flaubert (1821-1880) é o fundador da estética realista e *Madame Bovary* (1857) configura-se como obra inaugural desse movimento literário. Entretanto, o autor recusava alinhar sua obra-prima ao Realismo e declarava aversão à realidade e à moral burguesa através do teor irônico de seu estilo literário, pois "foi por ódio ao realismo que empreendi este romance. Mas não detesto menos a falsa idealidade, pela qual somos logrados nos tempos que correm" (KEHL, p. 150).

A dimensão irônica da escrita flaubertiana ridiculariza e desautoriza os valores burgueses e, nesse sentido, a traição conjugal figura como crítica social e assinala um ataque à moral burguesa por meio da profanação da instituição sagrada do casamento. Além do valor crítico, a temática do adultério feminino ilustra o destino trágico reservado às esposas infiéis, destino consagrado na figura de Emma Bovary e recorrente na literatura de autoria masculina, uma vez que "Flaubert criou uma heroína imortal, que serviu e continua servindo de modelo para leituras acerca da mulher e de seu destino pouco feliz em um século e em uma sociedade plena de restrições de gênero" (MORAES, 2009, p. 46).

2 A temática do adultério feminino em *O temporal*

Kate Chopin não ousou enviar seu conto mais polêmico a qualquer editora justamente por abordar o prazer feminino com erotismo e naturalidade, como algo inerente à condição humana. Escrito em 19 de julho de 1898, *O temporal* é a

sequência do conto “No baile acadiano” e foi publicado postumamente na obra *The Complete Works of Kate Chopin* (1969) por Per Seyersted, um dos maiores biógrafos da autora.

O conto em questão retrata uma cena de adultério entre a heroína Calixta e Alcée Laballière que ocorre durante uma forte tempestade, no momento em que o marido e o filho de Calixta ficam presos na cidade, enquanto Alcée pede abrigo em sua casa para esperar o temporal passar. Apesar de ambos serem casados, o reencontro desperta a atração que já existia entre eles (atração essa que surge no conto *No baile acadiano*), e ambos deixam-se envolver pelo desejo. Depois da tempestade, Alcée vai embora e escreve uma carta romântica à esposa, sugerindo que ela ficasse mais tempo na casa dos parentes. Enquanto isso, Calixta recebe o marido e o filho com alegria e prepara o jantar como se nada tivesse acontecido.

A protagonista de *O temporal* busca o prazer por considerar tal ato um direito seu, direito que lhe permitiu trair o marido dentro do espaço privado do lar do casal, em plena luz do dia. Ao contrário de Emma, Calixta não foi em busca de uma aventura amorosa e é retratada como uma mulher que assume o papel de esposa e mãe, porém, deixa-se envolver em uma relação extraconjugal de forma inconsequente.

A cena de adultério aos moldes flaubertianos é descrita com tonalidades líricas que assumem uma certa naturalidade ao momento íntimo entre Calixta e Alcée:

Sua carne firme e flexível, que pela primeira vez conhecia um direito natural seu, era como um lírio branco que o sol convida a contribuir com seu sopro e perfume para a imorredoura vida deste mundo [...]. Quando ele lhe tocou os seios, estes se entregaram, hirtos, num êxtase trêmulo, um convite aos lábios de Alcée. A boca de Calixta era uma fonte de delícias. E quando ele a possuiu, os dois pareceram desmaiar juntos no exato limite do mistério da vida (CHOPIN, 2011, p. 51).

Considerando a época em que o conto foi escrito, é notável a escrita *avant la lettre* da autora, sobretudo pela audácia de sua heroína e pela forma desprendida de julgamentos com a qual aborda o tema do adultério feminino, principalmente no momento de despedida dos amantes por representar a possibilidade de novos encontros e a ausência de remorso, pois “Calixta, na varanda, ficou vendo Alcée ir embora a cavalo. Ele se virou e, com o rosto radiante, sorriu para ela; ela ergueu o seu lindo queixo no ar e riu e gargalhou” (CHOPIN, 2011, p. 51).

A respeito da temática da infidelidade feminina no conto chopiniano, Aparecido Donizete Rossi esclarece que *O temporal*

não é um conto onde está em pauta se houve ou não feridos por causa do ato transgressor dos protagonistas. Trata-se, antes disso, de uma obra sobre o prazer pelo prazer; o prazer sem as amarras

da moralidade, que é a semente da culpa, e a culpa é fundamento para o pecado na moral Católica e o motivo do silenciamento e confinamento da mulher na sociedade patriarcal (ROSSI, 2011, p.321).

É interessante observar a maneira natural e livre de moralismo da ficção de Kate Chopin, sobretudo por tratar da sexualidade como um direito à mulher independente dos valores sociais e religiosos, valores que condenam veementemente o prazer feminino fora do casamento, bem como tolhem todas as formas de prazer que não estejam alinhadas ao casamento e à maternidade.

2.1 Um olhar sobre o desfecho: punição e prazer das heroínas adúlteras

Os motivos que conduzem Emma e Calixta à traição são distintos, pois Emma quer realizar as fantasias advindas dos romances que lia e, dessa forma, busca no adultério as compensações que o matrimônio não lhe trouxe. Depois do seu encontro com Rodolphe, a heroína de Flaubert sente-se entusiasmada com a possibilidade de viver uma paixão que até então não havia experimentado:

Repetia a si mesma: “Tenho um amante! Um amante!” deleitando-se com essa ideia como a de uma outra puberdade que a tivesse atingido. Portanto ia possuir enfim aquelas alegrias do amor, aquela febre de felicidade da qual desesperava. Entrava em algo maravilhoso onde tudo seria paixão, êxtase, delírio; [...] triunfava agora e o amor, por tanto tempo contido, jorrava inteiro com alegre agitação. Ela o saboreava sem remorsos, sem inquietação, sem perturbação (FLAUBERT, 2007, p. 149).

Além da temática do adultério e da presença de heroínas belas e ousadas, outra característica comum às obras é a alusão aos romances de cavalaria: o encontro entre os amantes ocorre quando o personagem Rodolphe chega a cavalo para conquistar Emma, e Alcée se aproxima de Calixta como um cavaleiro andante que pede abrigo em sua casa no momento da tempestade.

Apesar de algumas semelhanças entre as heroínas, Madame Bovary torna-se protagonista de sua própria história a partir do casamento e, depois das implicações trágicas de suas aventuras amorosas, sente remorso por trair o marido. Já a personagem Calixta é tratada pelo nome de solteira, o que denota liberdade e autonomia. Além disso, a protagonista de Chopin realiza aquilo que para Emma é apenas desejo e não sente arrependimento por considerar o adultério um ato inofensivo a todos os envolvidos.

Entretanto, a diferença marcante entre as narrativas analisadas está no desfecho, uma vez que o destino final das protagonistas evidencia a diferença entre a autoria masculina e feminina, pois esta última prima pela soberania do poder

feminino e pela possibilidade de autorrealização da mulher na figura da personagem Calixta e a frase que conclui o conto demonstra que após ambas as tempestades – a da natureza e a do desejo – cada um seguiu seu caminho sem maiores perdas ou danos, visto que “Assim, o temporal passou e todos estavam felizes” (CHOPIN, 2011, p. 53).

Em contrapartida, as ilusões e decepções do amor, assim como o consumismo para fugir do tédio de um casamento infeliz acarretam consequências devastadoras para Madame Bovary, enquanto a heroína de Chopin não sofre nenhum tipo de punição. Nesse sentido, pode-se observar que a autoria das obras revela a condição feminina sob diferentes pontos de vista, pois Gustave Flaubert escreve sua obra máxima com a intenção de representar Emma como uma *femme fatale* e, justamente por rejeitar as regras sociais, está fadada a um desfecho trágico.

É na cena do suicídio de Emma que o narrador constrói uma imagem desfigurada da protagonista, acentuando o destino trágico que aguarda às mulheres que ousarem seguir o caminho escolhido por ela

Emma tinha a cabeça inclinada sobre o ombro direito. O canto da boca, que se mantinha aberto, formava uma espécie de buraco negro na parte inferior do rosto, os dois polegares permaneciam dobrados e seus olhos começavam a desaparecer numa palidez viscosa que se assemelhava a uma tela fina como se algumas aranhas tivessem tecido sobre eles (FLAUBERT, 2007, p. 284).

A pintura realista da escrita flaubertiana horroriza o leitor ao descrever com pormenores a transformação de sua heroína, cuja beleza foi substituída por uma aparência monstruosa, como esclarece o narrador no excerto: “Foi preciso levantar-lhe um pouco a cabeça e então uma golfada de líquido negro saiu, como um vômito, de sua boca” (FLAUBERT, 2007, p. 285). Nesse sentido, vale ressaltar que

Flaubert é cruel na descrição da agonia de Emma, em cuja elaboração, no entanto, se envolveu de tal modo que chegou a reproduzir no próprio corpo os sintomas de envenenamento que escrevia” (KEHL, 2008, p. 128).

Além disso, até depois da morte Emma representa uma lembrança de horror e decomposição até mesmo nos sonhos de Charles, como uma maldição que persegue as mulheres infiéis, condenadas na memória masculina tanto na vida quanto no além-túmulo.

3 A representação da mulher na literatura de autoria masculina

No multiverso ficcional masculino, as personagens femininas têm sido representadas segundo os moldes da cultura patriarcal que enfatiza o casamento – como representação do amor – e a maternidade como únicas possibilidades de realização pessoal para uma mulher. Confinadas no espaço doméstico e nos papéis sociais de mãe e esposa, as personagens femininas encontram a felicidade nas obrigações do lar, no zelo com os filhos e na submissão ao marido.

Dessa forma, o imaginário dos autores é povoado por mulheres frágeis, dependentes e heroínas românticas que buscam desesperadamente o amor. Entretanto, os autores constroem personagens que ousam questionar tais paradigmas e lhes reservam destinos trágicos.

Nessa perspectiva, a mulher na literatura tem sido representada segundo dois extremos opostos: ou anjo, ou monstro, imagens que figuram a severidade dos textos masculinos sobre as mulheres (cf. GILBERT, GUBAR, 1984, p. 20) (Tradução nossa)³. A representação da mulher anjo refere-se às personagens femininas construídas de acordo com os preceitos patriarcais, cuja conduta deve ser regida pela passividade, bondade e submissão. Já as peculiaridades opostas são inerentes à representação das mulheres monstros que se caracterizam como mulheres ativas, ousadas e questionadoras, associadas à bruxa, à louca histérica e à *femme fatale*. Assim, na literatura delineada por tais extremos, não há mulheres de ação ou heroínas salvadoras, pois na sociedade patriarcal esse papel é exclusivo dos heróis masculinos.

Com o propósito de libertar as personagens enclausuradas em tais representações, Sandra Gilbert e Susan Gubar sugerem que

uma escritora deve examinar, assimilar, e transcender as imagens extremas do ‘anjo’ e do ‘monstro’ que os escritores produziram para ela. Antes que nós mulheres consigamos escrever, declarou Virginia Woolf, devemos ‘matar’ o ‘anjo da casa’. Em outras palavras, as mulheres devem matar o autêntico ideal por meio do qual elas mesmas têm sido ‘mortas’ artisticamente (GILBERT & GUBAR, 1984, p. 17) (Tradução nossa)⁴.

Ao apresentar uma protagonista que transgride as regras sociais versadas sobre os direitos e deveres da mulher, Gustave Flaubert mata artisticamente sua heroína porque as pulsões sexuais de Emma confrontam a ordem da sociedade burguesa. Nesse sentido, a heroína flaubertiana representa a personificação da mulher monstro que, com frequência, é assassinada por seus autores, demonstrando que não há lugar na sociedade para uma mulher que não aceita a posição feminina que, inquestionavelmente, deve corresponder às expectativas masculinas de submissão e às obrigações do casamento e da maternidade.

Como forma de contestação à visão articulada pela tradição literária masculina, as teóricas Gilbert e Gubar propõem uma revisão na concepção da autoria feminina na qual

sua batalha [...] não é contra a leitura do mundo empreendida por seus precursores (masculinos), mas sim contra a leitura que estes fazem de sua condição de mulher. Com o intuito de se definir como autora de algo, a escritora deve redefinir os termos de sua socialização. Sua luta revisória, portanto, frequentemente se torna o ato de olhar para trás, de olhar com novos olhos, de penetrar um velho texto a partir de um novo direcionamento crítico... um ato de sobrevivência (GILBERT & GUBAR, 1984, p. 49). (Tradução nossa)⁵.

A proposta das teóricas imprime um olhar crítico a respeito da autoria feminina com o propósito de transcender a representação da mulher comumente aprisionada nas imagens de anjo e monstro articuladas pelos autores em relação à condição feminina, sobretudo porque o poder literário masculino abarca a ideia de dominação sobre as mulheres textuais ou reais. Assim, a redefinição dos papéis da mulher na ficção representa autonomia e libertação feminina das amarras patriarcais.

Considerações finais

A diferença marcante entre os desfechos das obras analisadas assinala a divergência entre a tradição literária masculina e a autoria feminina. No intuito de desarticular o destino trágico reservado às heroínas que ousam e desafiam, Kate Chopin assegura um final feliz à Calixta e não a recrimina por realizar seus desejos em uma relação extraconjugal, rompendo as barreiras patriarcais bem como a condição feminina na ficção.

Considerando a proposta de Gilbert e Gubar, Kate Chopin desmorona as estruturas patriarcais com a protagonista de *O temporal*, heroína que destrói a imagem do anjo do lar e, ao contrário da heroína do romance de Flaubert, assume suas vontades e vivencia um final feliz. Embora não tenha revelado seu conto mais inovador para a sociedade de sua época, a autora expressa o viés corajoso e libertador da autoria feminina cujas obras refletem as vozes de mulheres que, apesar de silenciadas pelo ideário patriarcal, descontrolam paradigmas através de um novo olhar, olhar crítico e igualitário que ultrapassa os horizontes cerceados pela ficção masculina e permite não apenas a sobrevivência como também a autoafirmação das personagens femininas.

Notas

1 “She was the first woman writer in her country to accept passion as a legitimate subject for serious, outspoken fiction [...] a pioneer in the amoral treatment of sexuality, of divorce, and of woman’s urge for an existential authenticity”.

2 “Chopin depicts the destructive symbiosis of power and powerlessness, measuring the distance between romantic views of marriage and motherhood and the reality of the sexual lives of women [...]”.

3 “[...] extremes of angel and monster, in order to demonstrate the severity of the male text’s ‘imposition’ upon women”.

4 A woman writer must examine, assimilate, and transcend the extreme images of ‘angel’ and ‘monster’ which male authors have generated for her. Before we women can write, declared Virginia Woolf, we must ‘kill’ the ‘angel in the house’. In other words, women must kill the authentic ideal through which they themselves have been ‘killed’ into art.

5 [...] so the female writer’s battle for self-creation involves her in a revisionary process. Her battle, however, is not against her (male) precursor’s reading of the world but against his reading of her. In order to define herself as an author she must redefine the terms of her socialization. Her revisionary struggle, therefore, often becomes [...] the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of entering an old text from a new critical direction ... an act of survival.

Referências

CHOPIN, Kate. *No baile acadiano*. Trad. Denise Mariné. In Kate Chopin: contos traduzidos e comentados. Estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

CHOPIN, Kate. *O temporal*. Trad. Denise Mariné. In Kate Chopin: contos traduzidos e comentados. Estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. London: Yale University, 1984.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Imago, 2008.

KOLOSKI, Bernard (ed.). *Awakenings. The Story of the Kate Chopin Revival*. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 2009 (Southern Literary Studies).

ELFENBEIN, Anna Shannon. *Women on the Color Line: Evolving Stereotypes and the Writings of George Washington Cable, Grace King, Kate Chopin*. Charlottesville (VA): University Press of Virginia, 1989.

MORAES, Rita Mara Netto de. *A condição feminina no matrimônio, delineada pela ficção*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. (Dissertação de mestrado). Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/30373533.pdf>. Acesso em 20 jan 2019.

ROSSI, Aparecido Donizete. *Segredos do Sótão: Feminismo e Escritura na obra de Kate Chopin*. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP, 2011. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102372>. Acesso em 16 jan. 2019.

SEYERSTED, Per. (ed.). *The Complete Works of Kate Chopin*. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 2006 (Southern Literary Studies).

Para citar este artigo

FINATTI, Rosemary Elza. Movidas pelo desejo: o desfecho trágico em madame Bovary e o final feliz em O temporal, de Kate Chopin. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 137-146, set.-dez. 2019.

A autora

Rosemary Elza Finatti é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Graduada em Letras (Português/Inglês), Licenciatura e Bacharelado, pela mesma instituição. Atualmente é professor de Língua Inglesa na Secretaria Estadual de Educação. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura Inglesa. Desenvolve pesquisas sobre a vida e obra de Kate Chopin, Estudos Literários e Feminismo.